

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Key to Rebecca*

Autor: *Ken Follett*

Copyright © 1980 by Ken Follett

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Isabel Nunes e Helena Sobral*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa © Lee Avison/Trevillion Images

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 422 389/17

5.ª edição, Lisboa, abril, 2017

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

«O nosso espião no Cairo é o maior de todos os heróis.»

ERWIN ROMMEL, setembro de 1942

CAPÍTULO UM

O último camelo vacilou ao meio-dia.

Era um macho branco, de cinco anos, que ele comprara em Gialo, o mais novo e o mais forte dos três animais e o de melhor disposição: gostava tanto dele quanto um homem pode gostar de um camelo, o que quer dizer que o detestava apenas um pouco.

Subiram ambos a encosta a sotavento de um pequena elevação, o homem e o camelo, cravando os grandes pés desajeitados na areia instável, até chegarem ao cimo e aí pararem. Olharam em frente, nada vendo a não ser uma outra duna para subir e, depois dela, outras mil, e foi como se a ideia levasse o animal ao desespero. O animal dobrou as patas dianteiras, em seguida deixou-se cair sobre as traseiras e agachou-se no cume como um monumento, fixando a imensidão do deserto com a indiferença dos moribundos.

O homem puxou pela corda presa ao focinho do camelo. O animal pôs a cabeça para a frente e esticou o pescoço, mas não se ergueu. O homem foi em redor e deu-lhe pontapés nos quartos traseiros com toda a força, três ou quatro vezes. Por fim, pegou num punhal beduíno curvo, de lâmina afiada e ponta aguçada, e desferiu um golpe na garupa do camelo. O sangue jorrou do ferimento mas o camelo nem sequer olhou em volta.

O homem percebeu o que se passava. Os próprios tecidos do corpo do animal, famintos de alimento, tinham simplesmente deixado de funcionar, qual máquina a que se tivesse esgotado o combustível. Já vira camelos a desfalecerem nas proximidades de um oásis daquela maneira, rodeados de vegetação nutritiva que eles ignoraram, faltando-lhes a energia para comer.

Haveria ainda mais uns dois truques que ele poderia ter experimentado. Deitar-lhe água pelas narinas até começar a afogar-se ou fazer lume por baixo da garupa. Contudo, não podia desperdiçar água para uma coisa nem lenha para a outra. Além do mais, nenhum dos métodos tinha grande hipótese de ser bem-sucedido.

De qualquer das formas, era altura de fazer uma paragem. O Sol ia alto e estava forte. Estava-se no início do longo verão sariano e, ao meio-dia, as temperaturas atingiriam os 43 graus centígrados à sombra.

Sem descarregar o camelo, o homem abriu um dos sacos, donde retirou a tenda. Maquinalmente, olhou em redor mais uma vez: nem uma sombra ou um abrigo à vista — todos os sítios eram maus. Montou a tenda junto ao camelo moribundo, ali mesmo, no cimo da duna.

Sentou-se de pernas cruzadas à entrada da tenda para fazer chá. Alisou um pequeno quadrado de areia, dispôs alguns preciosos galhos secos em pirâmide e acendeu o lume. Deixou ferver a água e fez o chá à maneira dos nómadas, vertendo-o da cafeteira para o copo, adicionando o açúcar e deitando-o de novo na cafeteira para a infusão, e repetiu a operação várias vezes. Muito forte e bastante açucarada, aquela era a bebida mais revigorante do mundo.

Comeu algumas tâmaras e ficou a assistir à morte do camelo, enquanto esperava que o Sol acima dele fosse avançando para o horizonte. A serenidade vinha-lhe da prática. Longo fora o caminho que percorrera naquele deserto, mais de 1600 quilómetros. Dois meses antes saíra de El Agela, na costa mediterrânica da Líbia, e viajara 800 quilómetros em direção a sul, passando por Gialo e Kufra, embrenhando-se no vasto interior do Sara. Aí virara para leste, atravessando a fronteira com o Egito, despercebido por homens e por animais. Cruzara as terras desoladas do Deserto Ocidental e virara para norte perto de Kharga; e naquele momento não estava longe do seu destino. Conhecia o deserto, mas tinha-lhe medo — todos os homens inteligentes tinham, até os nómadas que ali viviam toda a vida. Nunca deixava, porém, que o medo se apossasse dele, que o deixasse em pânico, que

lhe esgotasse a energia nervosa. Havia sempre acontecimentos desastrosos: erros de cálculo que o faziam desviar-se de um poço por apenas alguns quilómetros; odres de água que vertiam ou que rebentavam; camelos aparentemente saudáveis que adoeciam ao fim de alguns dias. A única resposta era dizer *Inshallah*: É a vontade de Deus.

Finalmente o Sol começou a baixar em direção a oeste. Examinou a carga que o camelo transportava, interrogando-se que parte dela poderia ele levar. Eram três malas pequenas de estilo europeu, duas pesadas e uma leve, todas elas importantes. Havia um pequeno saco de roupa, um sextante, os mapas e o odre de água. Tudo aquilo era já demasiado: teria de abandonar a tenda, os utensílios para o chá, a panela, o almanaque e a sela.

Amarrou as três malas juntas e atou a roupa e o sextante por cima, prendendo tudo com tiras de tecido. Poderia enfiar os braços pelas tiras de tecido e levar a carga às costas, como uma mochila. Pendurou o odre de água ao pescoço.

Era uma carga pesada.

Três meses antes, teria conseguido levá-la o dia inteiro e, em seguida, jogar ténis à noitinha, pois era um homem forte. Contudo, o deserto enfraquecera-o. Os intestinos desfeitos em água, a pele coberta de feridas, uns dez ou quinze quilos a menos. Sem o camelo não chegaria longe.

De bússola na mão, começou a caminhar.

Seguia o que ela lhe ditava, resistindo à tentação de contornar as dunas, pois, nos últimos quilómetros, navegava à vista, e o mais ínfimo erro poderia transformar-se num desvio fatal de algumas centenas de metros. Decidiu-se por passadas largas e vagarosas. De mente vazia de esperanças e de receios, concentrou-se na bússola e na areia. Conseguiu esquecer a dor que lhe castigava o corpo e ir pondo um pé à frente do outro mecanicamente, sem pensar e, por isso, sem esforço.

O dia foi refrescando com o anoitecer. O odre de água foi-lhe pesando menos ao pescoço à medida que ia tragando o seu conteúdo. Recusava-se a pensar na quantidade que lhe restava: calculara que bebia cerca de três litros e meio de água por dia e sabia que

não tinha o suficiente para mais vinte e quatro horas. Um bando de aves voou por cima dele, piando ruidosamente. Ergueu o olhar, protegendo os olhos com a mão, e reconheceu-as: eram cortiçóis-pedreses, aves do deserto semelhantes a pombos castanhos, que afluem às revoadas junto à água, de manhã e ao final do dia. Tomavam o mesmo rumo que ele, o que significava que se encontrava no bom caminho, mas sabia igualmente que conseguiam voar uns oitenta quilômetros para chegarem à água. Avistá-las portanto não foi grande consolo.

Enquanto o deserto arrefecia, nuvens juntavam-se no horizonte. Atrás dele, o Sol desceu um pouco mais, transformando-se num grande balão amarelo. Um pouco mais tarde, no céu púrpura surgiu uma Lua branca.

Pensou em fazer uma paragem. Ninguém conseguiria caminhar a noite inteira. Contudo, não tinha tenda nem cobertor, nem arroz, nem chá. E tinha a certeza de que estava próximo do poço: pelas suas estimativas, já lá deveria ter chegado.

Continuou a caminhar. A serenidade começava a abandoná-lo. Aplicara a sua força e experiência contra o deserto implacável e começava a parecer-lhe que seria o deserto o vencedor. De novo pensou no camelo que deixara para trás e na forma como este se sentara no cume da duna, numa tranquilidade exaurida, aguardando a morte. Ele não esperaria pela morte, pensou: pelo contrário, quando esta se tornasse inevitável, apressar-se-ia a ir ao seu encontro. As horas de agonia e de loucura a ganhar terreno não eram para ele — seria pouco dignificante. Tinha o seu punhal.

A ideia deixou-o desesperado e, então, não conseguiu reprimir o medo. A Lua desceu no horizonte, mas a paisagem era alumiada pelas estrelas. Avistou a mãe à distância que lhe dizia: «Nunca digas que não te avisei!» Ouviu um comboio que avançava, lento, em uníssonos com o bater do coração. Pequenas pedras moviam-se no seu caminho como ratazanas em fuga. Cheirou-lhe a borrego assado. Subiu uma elevação e viu, bem perto, o fulgor vermelho do fogo em que a carne assara e, ao lado, um rapazinho a chupar os ossos. As tendas em volta do fogo, os camelos com os freios a pastar junto a plantas espinhosas e, logo adiante, o poço. Caminhou

até à alucinação. As pessoas do sonho fitaram-no com surpresa. Um homem alto ergueu-se e falou. O viajante puxou pelo *howli*, desenrolando o tecido para mostrar o rosto.

Estupefacto, o homem alto deu um passo em frente e exclamou: — Meu primo!

O viajante percebeu por fim que, afinal, aquilo não era uma ilusão; esboçou um sorriso vago e desmaiou.

Quando acordou, pensou por momentos que era menino de novo e que a sua vida de adulto fora apenas um sonho.

Alguém lhe tocava no ombro e dizia: «Acorda, Achmed», na linguagem do deserto. Havia anos que ninguém lhe chamava Achmed. Apercebeu-se de que fora embrulhado num cobertor áspero e jazia na areia fria, a cabeça coberta por um *howli*. Abriu os olhos para um nascer do Sol maravilhoso, um arco-íris linear contra a escuridão do horizonte plano. O vento gelado da manhã soprou-lhe no rosto. Nesse momento, reviveu toda a confusão e ansiedade dos seus quinze anos.

Sentira-se completamente perdido nessa primeira vez em que acordara no deserto. *O meu pai morreu*, tinha pensado e, de seguida, *Tenho outro pai*. Ocorreram-lhe fragmentos das suras do Alcorão e pedaços do credo que a mãe ainda lhe ensinava às escondidas, em alemão. Recordava-se da dor aguda da circuncisão recente na adolescência, seguida dos aplausos e dos tiros de caçadeira dos homens que o congratulavam por finalmente se ter tornado num deles, um verdadeiro homem. Seguiu-se a longa viagem de comboio, em que se interrogara como seriam os seus primos do deserto e se eles o desdenhariam pela sua pele pálida e os costumes da cidade. Saiu da estação rapidamente e encontrara os dois árabes, sentados no pó do terreiro da estação, ao lado dos camelos deles, envoltos nas vestes tradicionais que os cobriam da cabeça aos pés, exceto a abertura no *howli* que apenas deixava entrever os olhos negros e indecifráveis. Tinham-no levado até ao poço. Fora uma experiência aterradora: ninguém lhe dirigira a palavra, comunicavam apenas por gestos. À noite, apercebera-se de que aquela gente *não* tinha casas de banho, o que o fez sentir-se terrivelmente desconfortável. Acabou por ter de fazer a pergunta. Depois de um momento de silêncio,

todos se riram às gargalhadas. Ficou a saber que tinham pensado que não falava a língua deles e que era por isso que todos tinham tentado comunicar com ele por sinais; e que, além do mais, usara uma expressão infantil para perguntar sobre a casa de banho, o que tornara a situação ainda mais caricata. Alguém lhe tinha indicado para caminhar um pouco para além do círculo de tendas e agachar-se na areia e, depois disso, deixara de ter tanto medo, pois, apesar de duros, aqueles homens não eram desagradáveis.

Todos aqueles pensamentos tinham-lhe ocorrido enquanto observava o seu primeiro nascer do Sol no deserto e regressavam de novo passados vinte anos, tão vívidos e tão dolorosos quanto as más recordações da véspera, com as palavras «Acorda, Achmed».

Sentou-se bruscamente, os pensamentos antigos a esfumarem-se, rápidos, como as nuvens matinais. Atravessara o deserto numa missão vital. Tinha encontrado o poço, e não se tratava de uma alucinação: os seus primos estavam ali, como sempre acontecia naquela época do ano. Desfalecera de exaustão, e eles tinham-no envolvido em cobertores e deixado dormir junto à fogueira. De súbito teve um ataque de pânico ao recordar-se da sua bagagem preciosa — transportá-la-ia ainda no momento da chegada? —, então, viu-a, cuidadosamente empilhada a seus pés.

Ishmael estava a seu lado, de cócoras. Sempre fora assim: durante o ano que os rapazes passaram juntos no deserto, fora sempre Ishmael o primeiro a acordar de manhã.

— Grandes preocupações, primo — dizia ele naquele instante. Achmed anuiu. — Há uma guerra.

Ishmael estendeu-lhe uma pequena bacia, adornada de pedras preciosas, com água. Achmed mergulhou os dedos na água e lavou os olhos. Ishmael afastou-se, e Achmed levantou-se.

Uma das mulheres, servil e em silêncio, deu-lhe chá. Ele recebeu-o sem lhe agradecer e bebeu-o com rapidez. Comeu arroz cozido frio enquanto o trabalho vagaroso do acampamento prosseguia à sua volta. Parecia que aquele ramo da família continuava a ser abastado: viam-se diversos criados, muitas crianças e mais de vinte camelos. As ovelhas nas proximidades representavam apenas uma parte do rebanho — as restantes estariam a pastar a uns

quilómetros de distância. Haveria ainda outros camelos. Tinham por costume vaguear durante a noite em busca de folhagem e, embora andassem com os freios, por vezes ficavam fora do alcance da vista. Os rapazes estariam nesse momento a juntá-los, como ele próprio e Ishmael costumavam fazer. Os animais não tinham nome, mas Ishmael conhecia cada um deles e a sua história. «Este é o macho que o meu pai deu ao seu irmão Abdel no ano em que morreram muitas mulheres, e o macho ficou coxo, e o meu pai deu-lhe outro e ficou com este, e continua a coxear, estás a ver?», diria ele. Achmed acabara por conhecer bem os camelos, mas nunca adotara exatamente a mesma atitude dos nómadas para com os animais: não tinha, lembrava-se, acendido uma fogueira debaixo do seu camelo branco moribundo. Ishmael tê-lo-ia feito.

Achmed terminou o pequeno-almoço e dirigiu-se até ao sítio onde se encontrava a sua bagagem. As malas não estavam fechadas à chave. Abriu a que se encontrava por cima, uma pequena mala de couro; e quando pousou o olhar no rádio compacto, exatamente à medida da mala retangular, ocorreu-lhe uma memória súbita, muito clara, como se fosse um filme: a azáfama frenética da cidade de Berlim; uma rua orlada de árvores, a Tirpitzufer; uma casa de grés de quatro andares; um labirinto de corredores e de escadas; uma antecâmara com duas secretárias; um gabinete interior, escassamente mobilado com uma secretária, um sofá, um arquivo, uma cama pequena e, na parede, uma pintura japonesa de um demónio de sorriso malévolos e uma fotografia autografada de Franco; e, para além do gabinete, numa varanda que dava para o canal Landwehr, dois cães da raça *dachsbund* e um almirante prematuramente grisalho, que dizia: «O Rommel quer que eu coloque um agente no Cairo.»

A mala continha também um livro, um romance em inglês.

Indolentemente, Achmed leu a primeira linha: «A noite passada sonhei que tinha regressado a Manderley.»¹ Uma folha dobrada caiu de entre as páginas do livro. Achmed apanhou-a com cuidado e pô-la no mesmo lugar. Fechou o livro, guardou-o e fechou a mala.

¹ Primeira linha de *Rebecca*, romance de Daphne du Maurier, publicado em Inglaterra, em 1938. (NT)

Ishmael estava de pé a seu lado.

— Foi uma viagem longa? — inquiriu.

Achmed anuiu com a cabeça.

— Vim de El Agela, na Líbia. — O nome nada dizia ao primo.
— Vim do mar.

— Do mar!

— Sim.

— *Sozinbo?*

— Quando comecei, tinha alguns camelos comigo.

Ishmael estava atônito: nem mesmo os nómadas faziam viagens tão longas, e ele próprio nunca tinha visto o mar.

— Mas porquê? — quis saber.

— É por causa desta guerra.

— Um bando de europeus a combater outro por causa de quem governa no Cairo; que interesse tem isso para os filhos do deserto?

— O povo a que a minha mãe pertence está em guerra — retorquiu Achmed.

— Um homem deve seguir o pai.

— E se ele tiver dois pais?

Ishmael encolheu os ombros. De dilemas, ele entendia.

Achmed pegou na mala fechada.

— Guardas-me isto?

— Guardo — acedeu Ishmael e pegou nela. — Quem é que está a ganhar a guerra?

— O povo da minha mãe. São como os nómadas: orgulhosos, cruéis e fortes. E vão governar o mundo.

— Achmed, tu sempre acreditaste nos leões do deserto — comentou Ishmael com um sorriso.

Achmed lembrou-se: aprendera na escola que no passado houvera leões no deserto e que era possível que ainda restassem alguns, escondidos nas montanhas, alimentando-se de veados, de raposas-do-deserto e de carneiros selvagens. Ishmael recusara-se a acreditar. A discussão que travaram então pareceria-lhes muitíssimo importante e quase brigaram. Achmed fez um sorriso largo.

— Ainda acredito nos leões do deserto — disse.

Os dois primos olharam um para o outro. Fazia quase cinco anos desde a última vez em que se tinham visto. O mundo tinha mudado. Achmed pensou nas coisas que lhe poderia contar: o encontro crucial em Beirute em 1938, a sua viagem a Berlim, o grande golpe que fizera em Istambul... Nenhuma delas teria qualquer significado para o primo — e Ishmael estaria decerto a pensar o mesmo, sobre o que tinha acontecido nos últimos cinco anos da *sua* vida. Desde que foram em peregrinação a Meca juntos, ainda rapazes, afeiçoaram-se muito um ao outro, mas parecia que nunca tinham assunto para conversar.

Momentos depois, Ishmael voltou as costas e levou a mala para a sua tenda. Achmed foi buscar uma bacia com um pouco de água. Abriu um saco e tirou dele um pequeno pedaço de sabão, um pincel, um espelho e uma lâmina. Fixou o espelho na areia, posicionou-o e começou a desenrolar o *bowli* da cabeça.

A visão do seu próprio rosto no espelho chocou-o.

A testa forte, de pele habitualmente clara, estava irritada. As pálpebras descaídas pela dor, rugas ao canto dos olhos. A barba escura crescia na face de traços finos, emaranhada e desgrenhada, e a pele do nariz adunco estava desidratada e vermelha. Abriu os lábios gretados e apercebeu-se de que até os seus belos dentes, regulares e direitos, estavam manchados, imundos.

Continuou a mexer o sabão e começou a barbear-se.

O seu verdadeiro rosto começou a emergir gradualmente. As feições, mais fortes que atraentes, costumavam ostentar uma expressão que reconhecia ser, nos momentos mais despreocupados, vagamente libertina; contudo, naquele momento, era tudo menos isso. Tinha comprado antes, a milhares de quilómetros, um frasquinho de loção perfumada para aquele instante, mas não a usou pois sabia que o ardor seria insuportável. Deu-o a uma raparigui-nha que estivera a observá-lo e que fugiu a correr, deliciada com o presente.

Levou o saco para a tenda de Ishmael e enxotou as mulheres. Despiu as vestes do deserto e vestiu uma camisa branca inglesa, uma gravata às riscas, peúgas cinzentas e um fato de xadrez castanho. Quando tentou calçar os sapatos, verificou que os pés

estavam inchados: foi um suplício tentar enfiá-los no cabedal novo e rígido. Contudo, não podia usar o fato europeu com as sandálias do deserto, improvisadas com borracha de pneu. Acabou por cortar os sapatos com o punhal curvo e usá-los desapertados.

Desejava muito mais: queria um banho quente, um corte de cabelo, um creme que lhe acalmasse as feridas, uma pulseira de ouro, uma garrafa de champanhe gelado e o corpo suave e quente de uma mulher. Mas, para isso, teria de esperar.

Quando saiu da tenda, os nómadas olharam-no como se fosse um forasteiro. Pegou no chapéu e nas duas malas — uma pesada, a outra leve. Ishmael veio ter com ele com um odre de água. Os dois primos abraçaram-se.

Achmed tirou uma carteira do bolso do casaco para verificar se tinha os seus documentos. Ao olhar para o bilhete de identidade, apercebeu-se de que mais uma vez seria Alexander Wolff, de 34 anos, de Villa les Oliviers, Garden City, Cairo, um homem de negócios, de raça... europeia.

Pôs o chapéu, pegou nas malas e pôs-se a caminho no fresco da madrugada para percorrer os últimos quilómetros de deserto até à cidade.

A antiga grande rota das caravanas, que Wolff tinha seguido de oásis em oásis através da vastidão do deserto, levava a um desfiladeiro na cordilheira, que emergia por fim numa vulgar estrada moderna. A estrada parecia uma linha desenhada por Deus no mapa, pois, se de um dos lados se viam elevações estéreis de um amarelo poeirento, do outro vicejavam campos de algodão numa esquadria de canais de irrigação. Os camponeses, curvados sobre as colheitas, vestiam jilabas, simples vestimentas de algodão às riscas, em vez das pesadas vestes protetoras dos nómadas. Caminhando pela estrada em direção ao Norte, cheirando a brisa fresca e húmida que vinha do Nilo tão próximo e observando os sinais cada vez mais evidentes da proximidade da civilização urbana, Wolff começou a sentir-se de novo humano. Os camponeses que ponteavam os campos cada vez em maior número deixavam de lhe parecer uma multidão. Por fim, ouviu o motor de um automóvel e sentiu-se em segurança.

O veículo aproximava-se vindo da direção da cidade, Assiut. Depois de uma curva, ficou à vista, e reconheceu que se tratava de um jipe militar. Quando chegou mais perto, viu os uniformes do Exército britânico e constatou que tinha acabado de deixar uma situação arriscada para enfrentar um novo perigo.

Acalmou-se com determinação. *Tenho todo o direito a estar aqui, pensou. Nasci em Alexandria. Tenho nacionalidade egípcia. Possuo uma casa no Cairo. Os meus documentos são verdadeiros. Sou um homem abastado, um europeu, e um espião alemão que passou as linhas inimigas.*

O jipe guinchou ao estacar numa nuvem de pó. Um dos homens desceu de um salto. Ostentava três estrelas em cada ombro da camisa do uniforme: um capitão. Parecia terrivelmente jovem e coxeava.

— De onde diabo é que o senhor veio? — inquiriu o capitão.

Wolff pousou as malas e fez um gesto com o polegar na direção de onde vinha.

— O meu carro avariou na estrada do deserto.

O capitão anuiu, aceitando de imediato a explicação: nunca lhe teria ocorrido, nunca teria ocorrido a ninguém, que um europeu pudesse ter vindo da Líbia a pé até ali.

— O melhor é mostrar-me os documentos, se faz favor — proferiu.

Wolff entregou-lhos. O capitão examinou-os e, em seguida, ergueu o olhar. Wolff pensou: *Houve uma fuga de informação de Berlim, e todos os militares no Egito andam à minha procura; ou eles mudaram os documentos desde a última vez que cá estive, e agora os meus não estão válidos; ou...*

— Parece estoirado, Mr. Wolff — comentou o capitão. — Há quanto tempo é que vem a pé?

Wolff apercebeu-se de que a sua aparência desoladora lhe poderia granjear alguma simpatia por parte de um outro europeu.

— Desde quinta-feira à tarde — retorquiu com um cansaço não inteiramente fingido. — Andei um bocado perdido.

— Andou por aí *toda* a noite? — O capitão mirou o rosto de Wolff mais atentamente. — Deus meu, parece que sim. O melhor será darmos-lhe boleia. — Voltou-se para o jipe. — Cabo, venha buscar as malas do cavalheiro.

Wolff abriu a boca para protestar e, de imediato, fechou-a de novo. Um homem que tivesse vindo a caminhar a noite inteira ficaria satisfeitíssimo por alguém lhe carregar a bagagem. Opor-se não só poria em causa a sua história como chamaria a atenção para as malas. Enquanto o cabo as içava para a traseira do jipe, ocorreu-lhe num assomo de desespero que nem sequer se tinha dado ao trabalho de as fechar à chave. *Como é que pude ser tão estúpido?*, pensou. Sabia bem porquê. Ainda estava sintonizado para o deserto, onde com sorte se via gente uma vez por semana e a última coisa que essas pessoas queriam roubar era um transmissor de rádio que tinha de ser ligado a uma tomada elétrica. Os sentidos estavam alerta para tudo o que não interessava: observava o movimento do Sol, farejava o ar em busca de água, estimava as distâncias que tinha de percorrer e esquadrinhava o horizonte como que em busca de uma árvore solitária em cuja sombra pudesse acoitar-se durante a canícula do dia. Naquele momento, tinha de esquecer tudo isso e, ao invés, pensar em polícias e documentos e fechaduras e mentiras.

Decidiu ter mais cautela e trepou para o jipe.

O capitão sentou-se a seu lado.

— De volta à cidade — ordenou ao motorista.

Wolff decidiu reforçar a sua história. Enquanto o jipe invertia a marcha na estrada poeirenta, inquiriu: — Têm alguma água?

— Claro. — O capitão levou a mão debaixo do assento e tirou uma lata envolta em feltro, como um frasco de uísque. Tirou a rolha e passou-a a Wolff.

Wolff bebeu avidamente, tragando pelo menos meio litro. — Obrigado — agradeceu, devolvendo a lata.

— Mas que sede o senhor tinha. Não é de admirar. Ah, a propósito, sou o capitão Newman — apresentou-se, estendendo-lhe a mão.

Wolff apertou-lhe a mão e inspecionou o homem com mais detalhe. Era *muito* jovem, talvez uns vinte e poucos anos — um rosto fresco, uma madeixa juvenil, um sorriso fácil; contudo, na sua atitude, adivinhava-se a maturidade cansada que advém cedo nos combatentes de guerra.

— Tem visto alguma ação por aí? — quis Wolff saber.

— Alguma. — O capitão Newman tocou num joelho. — Feri a perna em Cirenaica, foi por isso que me mandaram para aqui, para este lugarejo. — Esboçou um sorriso largo. — Em verdade, não posso dizer que esteja ansioso por voltar ao deserto, mas gostava de estar a fazer algo mais útil que isto, a tomar conta da loja a milhares de quilómetros da guerra. Os únicos combates a que assistimos aqui na cidade são as lutas entre cristãos e muçulmanos. De onde é o seu sotaque?

A pergunta inesperada, sem qualquer relação com a conversa, apanhou Wolff de surpresa. *Terá sido propositada com certeza*, pensou; *o capitão Newman é um jovem sagaz*. Felizmente Wolff tinha resposta preparada.

— Os meus pais eram bóeres, que vieram da África do Sul para o Egito. Cresci a falar africânder e árabe. — Teve uma hesitação, nervoso de poder estar a exagerar e mostrar-se demasiado ansioso de dar explicações. — Wolff é um nome de origem holandesa, e eu fui batizado Alex em homenagem à cidade onde nasci.

Newman aparentava um interesse cortês.

— O que o traz a estas paragens?

Wolff também estava preparado para essa pergunta.

— Tenho negócios em diversas cidades do Alto Egito. — Sorriu. — Gosto de fazer visitas inesperadas.

Estavam à entrada de Assiut. Em termos egípcios, era uma cidade grande, com fábricas, hospitais, uma universidade muçulmana e uns 60 000 habitantes. Wolff estava prestes a pedir que o deixassem na estação de comboios quando Newman o salvou de tal erro.

— Precisa de uma garagem — declarou o capitão. — Levamo-lo até ao Nasif, que tem um reboque.

Wolff forçou-se a agradecer.

— Muito obrigado. — Engoliu em seco. Ainda não estava a raciocinar com a clareza ou a rapidez suficientes. *Quem me dera conseguir recuperar*, pensou; *é o maldito deserto, amoleceu-me*. Viu as horas. Tinha tempo de continuar com a história da garagem e ainda apanhar o comboio do dia para o Cairo. Refletiu no que teria de fazer. Teria de entrar na garagem, pois Newman estaria a assistir. Então,

os soldados partiriam. Wolff teria de pedir algumas informações sobre peças de automóvel ou coisa assim e, em seguida, retirar-se e caminhar até à estação.

Com sorte, Nasif e Newman nunca trocariam impressões sobre Alex Wolff.

O jipe avançava pelas ruas estreitas e buliçosas. As cenas familiares de uma cidade egípcia agradavam a Wolff: as roupas de algodão de cores garridas, as mulheres transportando fardos à cabeça, os polícias metedidos, os homens manhosos de óculos escuros, as lojas minúsculas com os produtos espalhados pelas ruas trilhadas das marcas dos veículos, as barracas, os automóveis em mau estado, os burros sobrecarregados. Pararam frente a uma fila de construções baixas de adobe. A estrada estava semibloqueada por um velhíssimo camião e os restos de um *Fiat* esventrado. Sentado no chão perto da entrada, um rapazito trabalhava num bloco de cilindros com uma chave-inglesa.

— Receio ter de o deixar aqui, o dever chama-me — anunciou Newman.

— Foi muito amável — retorquiu Wolff, abanando a cabeça.

— Não gosto nada de o deixar assim — continuou o capitão.

— O senhor passou um mau bocado. — Franziu o sobrolho e, logo em seguida, o rosto iluminou-se-lhe. — Já sei! Vou deixar o cabo Cox a tomar conta de si.

— É muito amável, mas de facto... — interveio Wolff.

Newman nem o ouvia.

— Vá buscar as malas do homem, Cox, e sempre com aprumo. Quero que tome conta dele... e de olho nos *wogs*², entendido?

— Sim, senhor! — respondeu Cox.

Wolff resmungou para dentro. Aquilo implicava mais atrasos enquanto se livrava do cabo. A amabilidade do capitão Newman estava a tornar-se um incómodo — haveria alguma chance de que fosse intencional?

Wolff e Cox desceram, e o jipe arrancou. Wolff entrou na oficina de Nasif seguido de Cox, que carregava as malas.

² Termo depreciativo e insultuoso aplicado aos habitantes locais pelos militares britânicos. (NT)

Nasif, um jovem sorridente numa jilaba imunda, trabalhava numa bateria de automóvel à luz de um candeeiro a petróleo. Falou-lhes em inglês.

— Querem alugar um belo automóvel? O meu irmão ter *Bentley*...

— O meu carro avariou. Disseram-me que tem um reboque — interrompeu-o Wolff num árabe egípcio veloz.

— Sim, senhor. Podemos ir de seguida. Onde é que está o automóvel?

— Na estrada do deserto, a uns sessenta e tal, oitenta quilómetros. É um *Ford*. Mas nós não vamos consigo. — Da carteira, tirou uma libra inglesa e passou-lha para a mão. — Quando voltar, há de encontrar-me no hotel ao pé da estação de comboios.

Nasif recebeu o dinheiro com entusiasmo.

— Muito bem! Vou imediatamente!

Wolff fez um aceno brusco e voltou as costas. Enquanto saía da oficina com Cox atrás de si, refletia nas implicações que teria aquela breve troca de palavras com Nasif. O mecânico dirigir-se-ia ao deserto no seu reboque para procurar o automóvel. Acabaria por regressar ao Grand Hotel para confessar o seu fracasso. Nesse momento, seria informado de que Wolff deixara o hotel. Concluiria ter sido razoavelmente pago pelo dia perdido, mas esse facto não o impediria de contar a toda a gente a história do desaparecimento do *Ford* e de quem o conduzia. O mais provável seria, mais cedo ou mais tarde, tudo aquilo chegar aos ouvidos do capitão Newman. O capitão poderia não saber bem como interpretar toda a história, mas sentir-se-ia decerto inclinado a desvendar o mistério.

O estado de espírito de Wolff ensombrou-se quando se apercebeu de que o seu plano para entrar no Egito sem dar nas vistas poderia ter falhado.

Teria de fazer o melhor que sabia dadas as circunstâncias. Viu as horas. Ainda teria tempo de apanhar o comboio. Desembarçar-se-ia de Cox no átrio do hotel, em seguida arranjará qualquer coisa para comer e beber enquanto estivesse à espera, se fosse rápido.

Cox era um homem moreno e baixo, com um sotaque regional britânico que Wolff não conseguia identificar. Aparentava ser da mesma idade que Wolff e, sendo ainda cabo, não deveria ser muito inteligente.

— O senhor conhece a cidade? — inquiriu o homem, seguindo na pegada de Wolff ao longo de Midan el-Mahatta.

— Já cá estive — respondeu Wolff.

Entraram no Grand. Com vinte e seis quartos, era o maior dos dois hotéis da cidade. Wolff virou-se para Cox.

— Muito obrigado, cabo... Acho que já pode regressar ao trabalho.

— Não tenho pressa, senhor — replicou em tom alegre. — Eu levo-lhe as malas ao quarto.

— Decerto que aqui eles têm bagageiros...

— Se fosse a si, não confiava neles.

A situação ameaçava tornar-se cada vez mais um pesadelo ou uma farsa, na qual gente bem-intencionada o empurrava para atitudes cada vez mais absurdas em consequência de uma pequena mentira. Interrogou-se de novo se aquilo não seria intencional e, num assomo de insensatez, ocorreu-lhe até que talvez eles soubessem de tudo e estivessem simplesmente a brincar com ele.

Afastou a ideia e dirigiu-se a Cox no tom mais amável que conseguiu exhibir.

— Bom. Então, muito obrigado.

Dirigiu-se à receção e pediu um quarto. Olhou de novo para o relógio: restavam-lhe quinze minutos. Preencheu o impresso rapidamente, fornecendo uma morada fictícia no Cairo — o capitão Newman poderia esquecer-se da morada verdadeira que constava dos documentos, e Wolff não queria deixar-lhe pistas.

Um bagageiro núbio conduziu-os até ao quarto. Wolff deu-lhe uma gorjeta à porta. Cox depositou as malas em cima da cama.

Wolff tirou a carteira: talvez Cox estivesse igualmente à espera de uma gorjeta.

— Bem, cabo — começou —, tem sido muito amável em ajudar-me...

— Permita-me desfazer as malas, senhor — adiantou Cox.

— O capitão disse para ficar de olho nos *wogs*.

— Não, muito obrigado — proferiu Wolff com firmeza.

— Quero deitar-me imediatamente.

— O senhor pode deitar-se à vontade — insistiu Cox generosamente. — Não me há de levar...

— Não abra isso!

Cox estava a levantar a tampa da mala. Wolff levou a mão dentro do casaco, ocorrendo-lhe diversas coisas ao mesmo tempo: *Diabo do homem e Agora estou feito e Devia tê-la fechado à chave e Será que consigo fazer isto discretamente?* O homenzinho mirava as pilhas bem arrumadas de libras esterlinas novas que enchiam a mala pequena.

— Deus meu, o senhor anda cheio dele! — exclamou.

Ocorreu a Wolff, até quando dava um passo em frente, que Cox nunca deveria ter visto tanto dinheiro na vida. Cox começou a virar-se, dizendo: — Para que é que o senhor precisa de assim tanto... — Wolff puxou do terrível punhal beduíno curvo, que lhe brilhou na mão quando o seu olhar encontrou o de Cox, e Cox vacilou e abriu a boca para gritar; e então a lâmina afiada golpeou-lhe profundamente a garganta, e o grito de medo saiu-lhe num gorgolejo de sangue e ele morreu; e Wolff não sentiu nada, apenas desilusão.